

DURÃO, Fábio Akcelrud. **Da intransitividade do ensino de literatura**. In: CECHINEL, André; SALES, Cristiano de (Orgs.). *O que significa ensinar Literatura?* 1ed. Florianópolis: Edusfc, 2017, p. 15-29.

Isadora Silveira Ramos¹
isadoraramos.13@hotmail.com
Taiane Fernandes Cristão²
fernandes_taiane@hotmail.com

Escrito por Fábio Akcelrud Durão, doutor em Literatura e professor do departamento de Teoria Literária da Unicamp, o texto “Da intransitividade do ensino de literatura” foi publicado em 2017 como parte integrante da obra organizada por André Cechinel e Cristiano de Sales, “O que significa ensinar literatura?” Expondo suas ideias com muita clareza, o autor apresenta considerações importantes acerca do objeto de ensino de literatura e defende a construção de uma prática pedagógica fundamentada nele. Dessa forma, ao atentar para o fato de que posições diferentes com relação ao literário resultam em atuações diferentes, propõe, ao longo de toda primeira parte do texto, uma maneira específica de conceber o literário a fim de que seja possível compreender que o ambiente escolar deve ser um espaço para construção de ideias, não para transmissão de conhecimentos.

Durão, em seu texto, realiza uma reflexão diante do que é literatura e o que se faz com os textos em sala de aula. Para tal reflexão, o autor aponta duas consequências. A primeira admite que diferentes posições em relação ao literário resultam em diferentes práticas. E a segunda afirma que não se vale falar em técnicas de ensino de literatura. A partir disso, o autor exprime ideias de seu entendimento por literatura, e sua primeira noção básica é a de que literatura não é um discurso, pois não há nenhum critério estabelecido que determine se um texto merece ou não ser chamado de obra. Diante desse fato, o autor enfatiza que a conceituação do literário não se fundamenta no uso formal da língua nem na presença de ficcionalidade, mas em si mesmo, sendo algo que se sustenta.

Outro aspecto comentado no texto diz respeito à existência de inúmeros livros tidos como literários que não merecem o título, isto é, obras malsucedidas que se tornam documentos de seu fracasso. Desse modo, Durão esclarece que o julgamento de valor feito pelo leitor é de suma importância e lhe dá liberdade para descartar aquilo que não considera favorável. Assim,

¹ Acadêmica do curso de Letras Língua Portuguesa na Universidade do Extremo Sul Catarinense

² Acadêmica do curso de Letras Língua Portuguesa na Universidade do Extremo Sul Catarinense

dois aspectos que contrariam o senso comum são apresentados pelo autor: a literatura não possui uma ligação com o mundo moral, ou seja, não traz ensinamentos que façam o homem se transformar em alguém melhor; ensinar não é uma missão, é uma profissão que forma indivíduos. Além disso, ainda apresenta que qualquer busca por um saber específico é obtido com uma disciplina em particular, não é através de uma ficção que o indivíduo, por exemplo, estudará a mente humana, mas por meio de bases teóricas.

É possível notar que todo o texto se estrutura na ideia central de que a literatura não se justifica e, por essa razão, não possui utilidade. Porém, é a inutilidade e a consistência interna que fazem com que as pessoas, a partir delas, pensem, elaborem suas ideias e desenvolvam a criticidade. Assim, o autor afirma que a literatura só sustentará esse nome enquanto for capaz de gerar questões e assuntos relevantes.

Nesse sentido, o texto também se refere às práticas pedagógicas elaboradas a partir da concepção de literatura, a qual sugere que o ensino não acontece por meio da transmissão de um conhecimento. Ademais, traz uma visão de ensino que parece ser problemática, já que se coloca contrário à ideia de fazer uma ponte com a realidade do aluno, argumentando que o mundo dos alunos, atualmente, está distante do mundo do professor, e que a utilização de estratégias para a construção de uma aula dinâmica não deve ser admitida, uma vez que fazer com que uma aula se torne interessante seria o mesmo que não acreditar no valor da literatura.

Na última parte do texto, Durão parece lamentar a falta de representação social do profissional formado em Letras e faz uma postulação de duas principais ideias que fazem um jovem ingressar no curso em questão: a de que ele aprenderá elementos gramaticais e a literatura nos contextos históricos, vendo essa última apenas como um instrumento de aprimoramento do vocabulário; e a de que ele poderá se expressar através da bela literatura, vendo-a como algo belo e lírico. Assim, o autor observa que, no caso de uma boa universidade, tais representações serão desconstruídas rapidamente, e que essa visão que muitos têm da literatura é socialmente propagada.

Por fim, o autor conclui o texto argumentando que os estudos literários são inadequados para nossa sociedade capitalista, pois a visão de sociedade fundamentada naquilo que se justifica pelo lucro vai contra aquilo que não possui nenhuma utilidade. Por isso,

[...] o descompasso entre o literário e o espírito do tempo pode transparecer da relação com o objeto, mas não ser ele mesmo o foco do ensino. Daí ser impossível “cativar”,

“interessar” ou mesmo “seduzir” os alunos. A intransitividade resultante disso pode ser simbolizada de diversas formas. (DURÃO, 2017, p. 28)

Dessa forma, o ensaio é bastante organizado e se divide em duas partes, a primeira intitulada *Considerações sobre o objeto e sua transmissão* e a segunda *Desajuste social*, de modo que Durão pontua suas ideias de maneira sistemática, apresentando-as em etapas, o que facilita a compreensão do texto. Ademais, utiliza diversas frases e palavras rebuscadas, mas num geral, faz uso de uma linguagem acessível e de fácil compreensão para quem já está habituado a leituras relacionadas ao assunto. É importante ressaltar que, ao longo do texto, o autor, através das notas de rodapé, sugere outras leituras, faz referências e explicações sobre seus argumentos, porém, diversos termos são apenas citados no corpo do texto e não explorados nas notas, exigindo que o leitor faça suas próprias pesquisas.

Analisando o conteúdo do texto e as considerações levantadas por Durão, é possível observar que seus argumentos, muitas vezes, carecem de exemplos, de modo que a inclusão deles permitiria uma melhor visualização da concepção de literatura posta e um maior entendimento da prática docente que se pretende construir. Além disso, a visão que o autor estabelece de trabalho com a literatura pode ser considerada utópica e distante da realidade de algumas escolas do Brasil, já que os alunos estão se mostrando cada vez mais dispersos e pouco participativos, não discordando de hipóteses interpretativas, nem opinando acerca delas. Desse modo, a ideia de não planejar aulas dinâmicas e interessantes para os alunos é problemática e contrária às ideias de Rildo Cosson sobre o letramento literário, o qual defende que toda leitura literária deve ser antecedida por uma motivação que, geralmente, apresenta de forma lúdica uma temática relacionada ao texto.

Portanto, delimitando seu entendimento de literatura e enfocando a questão da relação intransitiva com o objeto, o autor critica a lógica da indústria da cultura e chega à conclusão de que o literário não deriva de algo, mas possui uma consistência interna que se sustenta. Dessa maneira, trata-se de um texto que permite o diálogo com o leitor, fazendo com que ele elabore, a partir do que é posto, sua própria prática docente. Além disso, contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia, e desconstrói conhecimentos adquiridos através do senso comum contrapondo-os com conhecimentos científicos.